

As mazelas nossas de cada dia

A poética utilizada por Fernando Pellon pulveriza um certo comodismo literário de fácil assimilação e retorno garantido. Dialética movimento e é neste movimento que ele amplia e espicaça, como já fizera anteriormente: Augusto dos Anjos numa ótica particular, e Noel Rosa que musicalizou hemoptise. Mais do que tradicional é histórica a ojeriza e piedade de Elsa a respeito do câncer, da lepra e da loucura.

E são esses três elementos que Pellon, com habilidade, reporta de modo fascinante e jornalístico, seu primeiro trabalho em disco independente. Como avalistas, nomes ilustres como o pianista Helvius Vilela, o sete cordas Rafael, o violonista João Aquino, também tranjador de oito das nove faixas - Cicatrizes - e a assinatura de Paulinho Lemos, jovem músico quase no ponto de saudável ebulição profissional.

Além de Pellon na interpretação, é extremamente saboroso ouvir Synval Silva em Altivez (Bata devagar/ e tente controlar de tua ira amanhã cupidez/ bata devagar/ cada membro guarda sua vez/ só não quero chorar/ para ao mundo poder mostrar/ as marcas deste amor em altivez). De igual sabor as participações de Cristina Buarque de Hollanda, Nadinho da Ilha e de Paulinho Lemos.

A constatação de todo o disco de Fernando Pellon uma realidade brasileira impossível e compreensão por parte de qualquer ser cuja ignorância o referente como racional: durante nove meses o disco ficou sob censura e pela razão absoluta compatibilidade com esta hora, sem qualquer explicação. Fez-se necessário o momento de lucidez de abnegado Ricardo Cravo Albim que, no Conselho Federal de Cultura, conseguiu retirar do limbo de uma decisão que ameaçava eternizar-se. Liberado o disco, haverá, certamente, a censura velada de algumas cabeças e membros pudicos. Claro, também, que estômagos sensíveis não de revirar-se, nausear-se. Mas, convenhamos, quantas coisas do cotidiano nos oferece em graus de ojeriza e sadismo, e mentira e ilusionismo, em leboche e em descaramento que os jornais tão bem noticiam e "terceiros" tão bem desmenem e/ ou escamoteiam. E com um agravante em música.

O lançamento do disco, cuja manchete "Cadáver pega fogo durante o velório", não deve spantar o ouvinte sensato e atento às suas próprias mazelas e imponderabilidades, ocorrerá exatamente no próximo dia 31 quando um dia, saboroso até no nome - Viro do Ipiranga,

estará fazendo um ano de doce teimosia noturna, qual seja a de conceder espaços a músicos, poetas, cantores, compositores, escritores e tudo o mais que a cultura brasileira oferece à lucidez e à reflexão e que de alguns anos pra cá tem sido embotado por árbitros da vida e vontade alheias.

O Viro do Ipiranga, transformando-se numa componente da cultura específica e geograficamente carioca; Fernando Pellon, geólogo da Petrobrás e torcedor americano confesso (o

vermelho de que fala na música Altivez é de tonalidade clubística, ora bolas), criando expectativas para um segundo disco. E que este não sofra mais uma dolorosa gestação de nove meses, uma coincidência infeliz porque não louvada nos princípios orgânicos e amorosos dos seres humanos.

Jorge Roberto Martins

CADÁVER PEGA FOGO DURANTE O VELÓRIO

MÚSICAS DE

CANTADAS POR



FERNANDO PELLON



PAULINHO LÊMOS,



SYNVAL SILVA,



NADINHO DA ILHA



E CRISTINA.

Ciúmes, tiros e tragédia

ESTOU LHE MOSTRANDO A PORTA DA RUA PARA QUE VOCÊ SAIA SEM EU LHE BATER

Seviciada em público

FUI TÃO BOM PRA ELA, DEI MEU NOME A ELA, QUASE PASSEI FOME PARA HONRAR SEU NOME

Artificialmente limpa pelo processo Olivetti de tecladismo estéril, a MPB ultimamente não tem correspondido a violência do país que a produz. Pelo menos a MPB letra O, emanada da burocracia do show-bizz e do oficialismo político do bom humor a preço de hiena. Fernando Pellon vai chocar essa hipocrisia generalizada vendida com rótulo de bom gosto e status. "Nunca gostei de eufemismo", vai logo

cantando ele. E dá nome às doenças, como fazia Augusto dos Anjos, com um requinte de morbidez que ainda perde, no entanto, para a crueldade exibida diariamente por nossas autoridades mais altas.

Quem quiser se assustar com Pellon, que também recobra tradições estabelecidas por arautos das campas tão divergentes quanto Nelson Cavaquinho e Vicente Celestino. Para isso, basta ouvir "Flores de Plástico ao Amanhecer". Já o nosso recen-

Noivo desmaia de fome e assiste sentado às cenas do casamento

JOGUEI MEU CIGARRO NO CHÃO E PISEI. SEM MAIS NENHUM, AQUELE MESMO APANHEI E FUMEI.

te Aldir Blanc também poderia ter assinado algo tão flagrante como "Carne no Jantar". E por aí fora, só para que não se pense que Fernando Pellon é um estranho no ninho, ou alienista fugaz.

Melhor que situar tão precocemente sua obra é ouvi-la, com ouvidos desarmados de preconceitos. O poeta vale a pena, o violão, os convidados e os arranjos de João de Aquino e Paulinho Lemos.

TÁRIK DE SOUZA